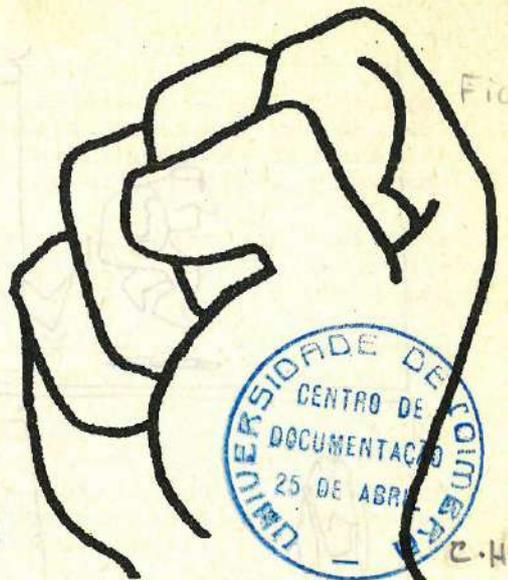


Nº 2
Junho 1974
1350

A FORÇA OPERÁRIA



jornal de operários de lanifícios e têxteis

REG:

despedimentos uma ameaça a que temos de fazer frente

Como se sabe, a greve é a melhor arma de que os trabalhadores dispõem para conseguirem arrancar aos patrões aquilo a que têm direito.

Foi isso que trabalhadores e operários fizeram e continuam a fazer por todo o país, para obterem aumentos de salários e outras regalias, tais como: mais dias de férias com subsídio, 132 dias no fim do ano, redução do número de horas de trabalho, melhores condições de higiene e segurança nas fábricas, eliminação de prémios de produção ou outros, e ainda o afastamento de certos indivíduos indesejáveis.

A resposta dos patrões a todo este movimento de greves não se fez esperar!

Desesperados por verem assim diminuir os lucros, trataram de pôr na prática novas maneiras de ir buscar outra vez esse dinheiro, porque lá viver com menos é que eles não admitem. A arma dos operários que é a greve, os patrões respondem agora com as suas miseráveis armas: exigências de maior produção, aumento dos ritmos de trabalho, policiamento dentro das secções, ameaças de fecharem as fábricas, e, finalmente, os despedimentos! Todas estas medidas repressivas levam a um péssimo ambiente de receio e desconfiança entre os operários.

Mas o mais grave de tudo é, sem dúvida, o despedimento que tira o pão à quem tudo produz.

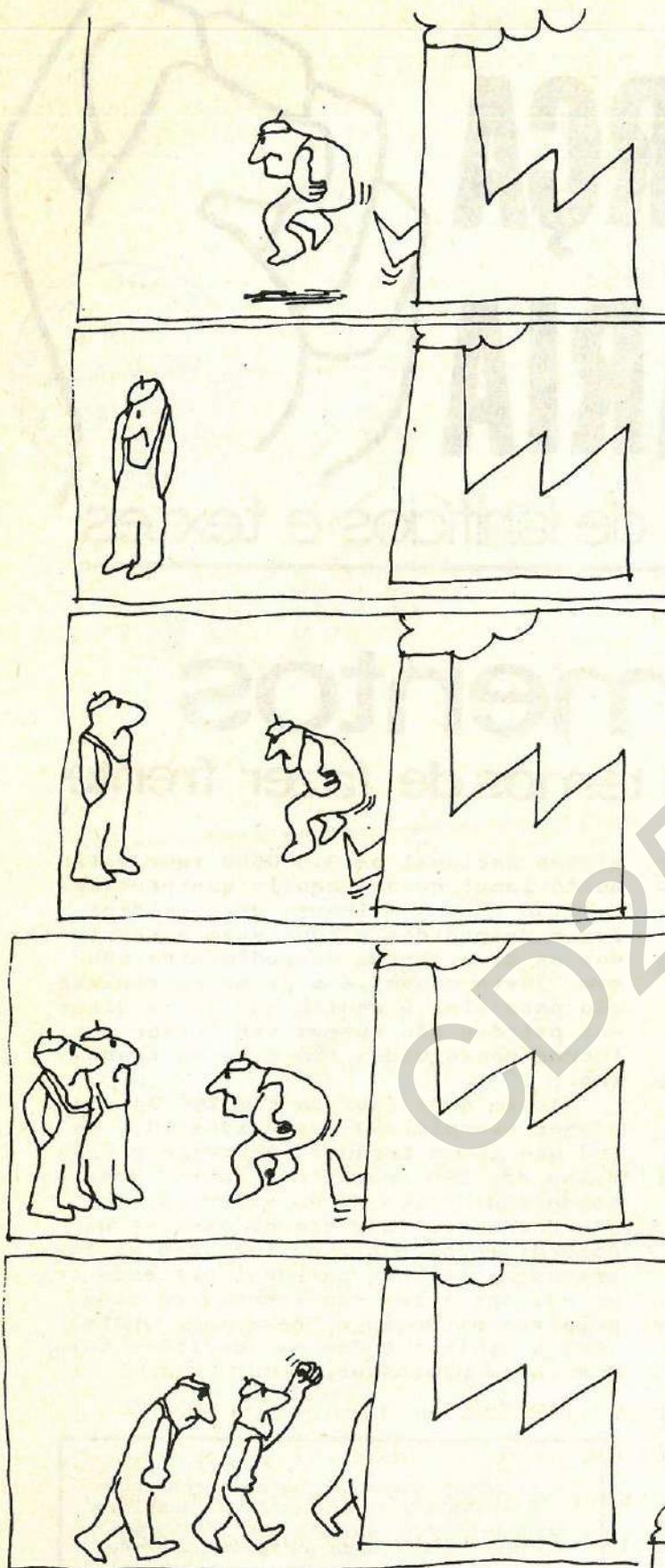
Desde o momento em que nos começamos a unir para conseguir melhores salários, e que foi fixado como salário

mínimo nacional os 3.300\$00 (que estão muito longe de ser aquilo que precisamos), já alguns milhares de operários foram despedidos, e continuam a ser todos os dias. Estes despedimentos são sem "justa causa", e a primeira explicação para eles, é aquilo que já se disse - os patrões não querem ver baixar os lucros conseguidos com o nosso trabalho.

Assim numa fábrica com 200 operários, por exemplo, são despedidos 40, e os 160 que ficam terão de produzir o trabalho dos 200 enquanto o patrão mete ao bolso o dinheiro de 40 salários.

Por outro lado, com as ameaças de despedimentos, e até de fecharem as fábricas, a entidade patronal pretende criar nos operários sentimentos de medo pela sua situação, e desse modo obrigá-los a aceitar todas as condições caladas e sem protestos.

O primeiro número do nosso jornal custou 470\$00, e tiraram-se 500 exemplares. Como o aspecto gráfico não estava muito bom, procurou-se utilizar o processo melhor, mas que custa um bocadinho mais caro. Para responder à grande procura que houve, e para permitir chegarmos a fábricas aonde não se chegou da primeira vez, aumentou-se também a tiragem. Este segundo número do jornal custou 2100\$00, e tiraram-se 1500 exemplares. Eis por que o preço de venda teve de passar de 1\$00 para 1\$50.



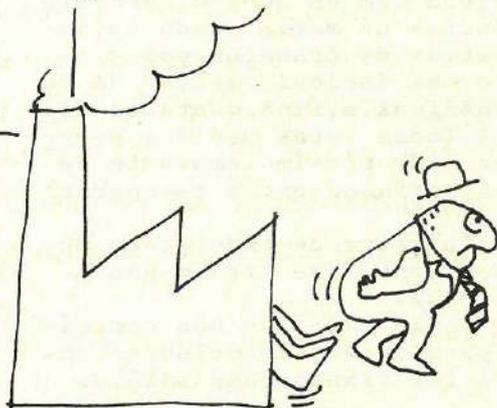
Enganam-se, pois a maior parte da classe operária já não anda de olhos fechados, e as experiências por que tem passado ensinaram-lhe que a união e a firmeza dos trabalhadores representa uma força enorme. Prova disto é o que aconteceu na fábrica de lanifícios "Manuel Lopes Henriques", no passado dia 18 : porque uma tecedeira estragou uma peça, foi imediatamente ameaçada de despedimento pelo debuxador; ao saber isto todos os colegas tecelões pararam os teares e só recommçaram a trabalhar 2 horas depois, quando a colega voltou ao seu posto de trabalho. Entretanto, o restante pessoal da empresa estava atento ao que se passava para, no caso dessa tecedeira ser despedida, parar também. Isto mostra como é importante estar-se alerta para estas manobras, e para mostrar que os patrões não levam a melhor se tiverem pela frente todos os operários unidos. Se ninguém tivesse tomado a atitude de parar com os teares, certamente aquela tecedeira estava a esta hora despedida!

Voltando aos despedimentos que se têm verificado por todo o país, sobretudo nas zonas industriais do Norte, pode-se dizer que os sectores mais atingidos são os têxteis, as confecções e malhas, indústrias de cutelaria, camisaria e malas, e também as metalúrgicas.

As primeiras destas indústrias têm de comum serem das que pagam os salários mais baixos do país, portanto das mais exploradoras da força do trabalho operário, e agora não estão dispostas a pagar o salário mínimo de 3.300\$00 e os aumentos exigidos pelos operários, porque se habituaram a ter lucros enormes. A eles, donos das fábricas, pouco lhes importa deixar sem trabalho e sem pão famílias inteiras!

Como já foi dito, tem sido o Norte do país a registar o maior número de despedimentos, principalmente nas zonas fabris das cidades do Porto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, etc.

Para apresentar alguns números, basta dizer que só em Braga já estão sem trabalho mais de 500 operários! As sete empresas de confecções que aí existem despedem operárias às dezenas por dia, o mesmo acontecendo em fábricas de malas (por junto 40 operários), de cutelarias (14), e ainda muitos operários metalúrgicos da "Metalúrgica Bracarense".



Em Barcelos, uma fábrica de malhas despediu 30 operárias, enquanto outra, a Lijotex, além de pôr na rua parte do pessoal, reduziu a semana de trabalho para 4 dias, não sendo pagos os restantes, claro!

Nas outras cidades onde há fábricas, o panorama é o mesmo, sejam as fábricas grandes ou pequenas.

A "desculpa" que os patrões vão buscar é de que não podem pagar tais salários, que estão à beira da falência, e que, as coisas a continuar assim, terão de encerrar as fábricas. Tudo isto não passa de conversa fiada, como se viu com o caso da Empresa Fabril de Malhas, de Coimbra: esta firma despediu as 50 mulheres que lá trabalhavam e encerrou as portas, dizendo a administração que estavam falidos. Afinal, e conforme se veio a apurar depois, a situação económica da empresa é até muito boa. Então por que é que encerraram? Naturalmente, estes capitalistas começaram a ver que a pagar pelo menos os 3.300\$00, as malhas já não lhes iam dar os lucros fabulosos que eles queriam, e agora vão empregar esse capital (ganho com o esforço de trabalho das 50 mulheres que foram para a rua) doutra maneira qualquer, por exemplo, em sectores que tenham mais futuro e que lhes deixem mais lucros.

Além disso, é de ter em conta que, quanto mais gente estiver desempregada

mais baixos se tornam os salários, porque havendo mais pessoas à procura de trabalho, os trabalhadores são obrigados a aceitar o que eles, patrões, quiserem dar!

Também devemos saber que nisto dos despedimentos, tanto despedem as pequenas empresas (como esta de Coimbra), como as médias ou as grandes. Tão capitalistas exploradores são uns como outros - a força de cada um é que varia. Em Vila Nova de Famalicão, no Norte, existe a maior empresa de têxteis do país, a "Manuel Gonçalves", com 3.000 operários. Mesmo assim, o patrão anda a ameaçar que vai fechar, "porque não tem dinheiro para pagar os salários"!!!

A todos estes "choradinhos", os trabalhadores têm de manter-se unidos e firmes nos seus locais de trabalho, têm de se organizar convenientemente em comissões operárias, eleitas pelos próprios trabalhadores, têm de não permitir nem um só despedimento dum colega, e achamos que o comportamento dos colegas da "Manuel L. Henriques" é um bom exemplo de atitude a tomar. Para mais, o Ministério do Trabalho tem garantido que os despedimentos colectivos estão proibidos, e é bom que todos saibamos isto.

Em cada fábrica, em cada secção devemos discutir em conjunto as melhores formas de responder a este ataque dos patrões.

A LUTA DOS CAMARADAS DA MESSA

Conforme se anunciou no primeiro número do jornal, um grupo de operários dos lanifícios deslocou-se ao Algueirão, aonde manteve com os camaradas que trabalham na MESSA um importante debate sobre a luta que aí se estava (e está) a desenvolver. A gravação dessa conversa, quando passada a escrito, deu origem a um texto muito grande, que não caberia facilmente num número normal do jornal, mas que, pelo interesse dos assuntos tratados, não convinha publicar só em parte. Assim, sairá dentro de poucos dias uma SEPARATA DO "FORÇA OPERÁRIA" Nº 2 SOBRE A MESSA.

MANUEL LOPES HENRIQUES

Falou-se nesta firma que o debuxador iria fazer uma ficha nova para cada trabalhador, para apontar nela as pequenas e grandes faltas dos trabalhadores, como por exemplo: estar mais dois minutos na casa de banho que o tempo previsto, conversar, ter um corte estragado. Uma pequena distracção do trabalhador, e lá está a sua ficha a funcionar! Depois, no fim do ano; essas fichas vão à mão do patrão e o castigo é consoante o que estiver na dita ficha: se forem pequenas as faltas, serão suspensões, mas se elas forem grandes já não serão só suspensões, mas sim despedimentos. E com "justa causa", o que é preciso que se note!

Isto não contando que, se o dito debuxador tomasse alguém de ponta (nesse caso trabalhador) esse seria o mais sacrificado na ficha. E como mais vale cair em graça do que ser engraçado...

Casos destes não são para que se lhes feche os olhos.

E também não vamos voltar as costas, a casos como o de exigirem dos trabalhadores algo mais do que está para além das suas forças.

O pedido de aumento de produção só tem por fim que haja também aumento de lucros, para que as entidades patronais nos paguem, sem que para isso necessitem de ir mexer nas reservas.

E assim continuamos sempre na mes-

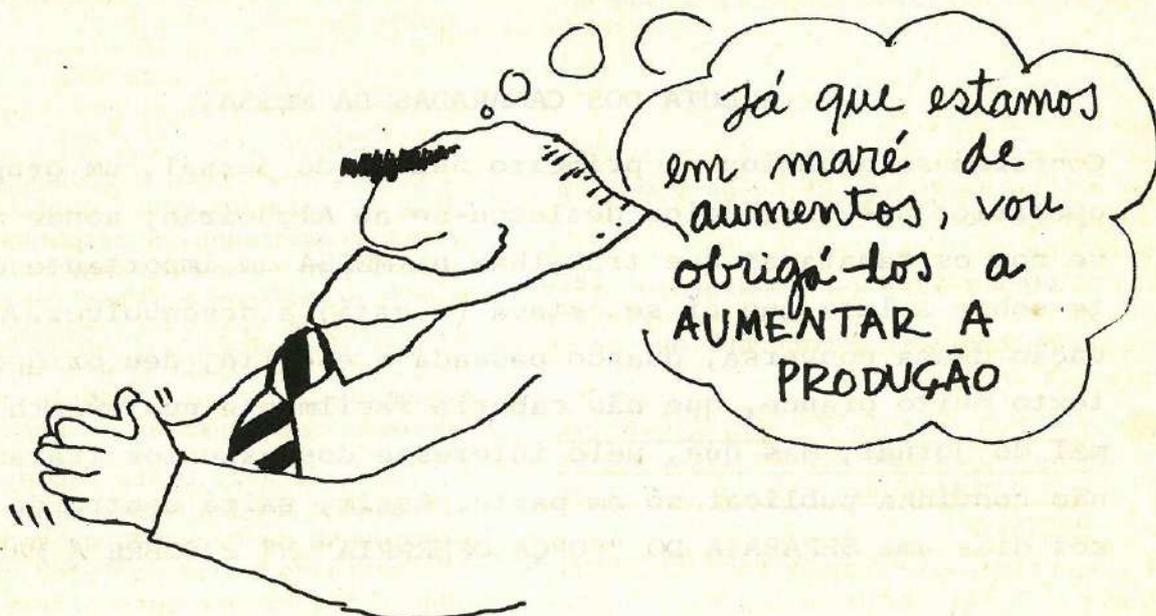
ma situação, e para evitar isto só temos que ter uma atitude: é fazermos a mesma produção!

Não podemos deixar que sejam sempre eles os donos das nossas forças.

Os encarregados tomaram uma posição muito má, porque não querem ser pisados pelo "pézinho" do patrão, e sujeitam-se a ser pisados pelos pés de 180 operários — o que os operários lamentam, devido a que eles alinharam na reivindicação que fizemos, e agora querem fazer crer que foram obrigados a isso, o que é mentira. Muitos deles são operários mais especializados, fizeram a greve connosco porque a reivindicação também os abrangia, assim como abrangeu, embora com mais dificuldades, mas a verdade é que também levaram os 1000\$00. Então, por que escolheram agora esta nova posição?

Os trabalhadores já têm problemas que lhes sobrem, para que hão-de os encarregados trazer mais problemas? Quando é que isto acaba? Não temos muitas dúvidas ao longo da nossa experiência de trabalho, no que diz respeito ao encarregado. Mas perguntamos: Eles existem para olhar pelos interesses dos trabalhadores ou pelos interesses dos patrões?.

Como dissemos, as nossas dúvidas são poucas, mas se alguém as tiver que diga!



A SITUAÇÃO NO CONSÓRCIO

O "Consórcio Laneiro de Portugal" é uma fábrica que tem empregado muitos operários em tempos antigos. Mas, a partir de certa altura, esta firma começou a trabalhar com muito desenvolvimento. Há cerca de 4 anos o Consórcio trabalhava com 3 turnos rotativos, principiando o 1º turno às 7 horas da manhã até às 15 h., o 2º turno das 15 às 23 horas, e o 3º turno das 23 às 7 h. da manhã do dia seguinte. E ainda havia o turno normal das 8 h. às 18 horas.

Um ano depois, a administração da firma começou por dizer que a casa tinha dificuldades de matéria-prima para que pudessem continuar os 3 turnos rotativos; a seguir a isto foi despedido algum pessoal que pertencia a um deles, e os restantes foram divididos pelos outros turnos, um das 7 da manhã às 15 e o outro das 15 às 23 horas.

Ao fim de tudo isto, esta firma começou por dizer que estava na decadência, e, enquanto isto, a notícia ia chegando aos operários, fazendo-os andar irritados, a pensar que mais cedo ou mais tarde seriam despedidos.

O que infelizmente acontece em 30 de Setembro de 1973, quando foram despedidos grande parte desses camaradas. A 1 de Outubro de 1973 a firma passou a ter, apenas, o turno normal das 8 h. às 5 h. da tarde, o qual ainda se mantém, embora já tenha sofrido as suas crises também, e, principalmente, nesta altura em que estão quase todos os operários do Consórcio ameaçados de serem despedidos a partir do dia 30 de Junho de 1974, e dizendo a administração patronal que dá a indemnização a todos os operários, pagando-lhes as férias do ano presente.

● Falando da solução e atitude que todos os trabalhadores do Consórcio tomaram para assegurarem o seu emprego.

Sentindo-se todas estas dificuldades na firma, foram obrigados os tra-

balhadores desta empresa a eleger uma comissão, cujos elementos foram escolhidos entre todos os operários.

Esta comissão tem por responsabilidade do seu trabalho o seguinte: ir perante o patronato expor todas as propostas dos operários, e resolver a situação da empresa.

Esta empresa consta que é formada por acções, nas quais a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários tem 15% do capital, não havendo nenhuma acção mais elevada a esta, de qualquer outro accionista.

Sabendo tudo isto, a comissão eleita pelos operários começou por ver em pormenor a situação. Verificando que nem só dentro da empresa se poderia resolver o problema, pensou em reunir todo o pessoal dizendo o que pensava fazer. A seguir, a comissão participou ao Sindicato que a apoiou no trabalho que estava a desenvolver. Esta comissão dirigiu-se no dia 7 deste mês ao Ministério do Trabalho, com o intuito de expor o caso que se estava a passar no Consórcio - os despedimentos e o fecho da empresa - A referida comissão ao chegar ao Ministério foi surpreendida (!) porque já lá estavam todos os membros da direcção patronal.

● Negociação da Fábrica

Foram abordados vários assuntos no Ministério do Trabalho, tendo a administração relatado que estava em negociações com Empresa Nacional de Penteação, de Alhandra, para unificação de ambas as empresas. Acrescentaram, no entanto, que para Alhandra só iriam as máquinas, porque a firma francesa de Alhandra não queria os trabalhadores do Consórcio, dizendo que os que lá estavam chegavam para trabalhar com a máquina que levariam do Consórcio!

Por sua vez, o Sr. Secretário do Ministério do Trabalho, disse para o Presidente da Direcção da empresa, que não pensasse nunca em fazer negociações com qualquer outra firma, sem que

deixasse assegurado emprego a 100% dos trabalhadores. Caso contrário era inaceitável qualquer proposta. E além disso a partir da presente data nunca mais seria feita reunião alguma patronal, sem que estivesse um representante eleito pelos trabalhadores. E que, em especial, nesta empresa o estado teria sempre a última palavra a dar!

Podemos, ainda, acrescentar que no dia 14 deste mês a administração do Consórcio Laneiro reuniu com a comissão operária a fim de discutirem estes assuntos já aqui focados.

Mas nisto, um trabalhador antecipou-se perante eles, e comentou, quase os deixando descontrolados: "Senhor Administrador, não pense que vai levar isto como quer, porque daqui do Consórcio não se levanta nem um parafuso sequer, a não ser que sejamos obrigados pelas Forças Armadas!" Então ouvindo este operário, os burgueses ficaram praticamente em silêncio, só acrescentando que os operários tinham a palavra.

Por tudo isto, dirigimos a todos os camaradas de outras empresas a notícia do que se está a passar dentro e fora desta firma, e tudo o que se tem tentado para que continuemos a trabalhar (pois é esse o nosso objectivo) para adquirirmos melhores situações, e assegurarmos o indispensável para se sobreviver no dia a dia.

Mais uma novidade aconteceu no Consórcio: estando nós em greve, conjuntamente com todas as empresas de lanifícios, tiveram os patrões grande sentimento fingido para com os trabalhadores, pagando-lhes os dias que estiveram em greve, tal e qual como se trabalhassem.

Camaradas:

Nós, operários do Consórcio, quanto mais lutamos mais temos fé que vamos de vencer e restaurar de novo a empresa em que trabalhamos, porque ela de maneira nenhuma está na decadência! Eram apenas amedrontamentos para que os operários trabalhassem com todas as suas energias, e para que meia dúzia de gulosos comprassem quintas no Alentejo à custa do suor do operário.

Será que daqui para o futuro nos

vamos deixar enganar e explorar descaradamente?

Será que os patrões, ou quem os re presente, terão mais força do que nós trabalhadores?

Será que a classe operária continuará a ter medo como na época do fascismo?

Será que uma empresa que é quase directamente do Estado fechará as portas aos seus trabalhadores?

Será possível que uma empresa fique em decadência, quando os seus acionistas, e outros que tais, enriquecem cada vez mais?

Depois deste artigo ter sido escrito, já se deram novos acontecimentos na fábrica, os quais não tiram a verdade ao artigo, pelo que ele é publicado tal como estava.

a greve na Wander

Ao fim de 15 dias de greve, em que os operários souberam lutar firmes e unidos, a WANDER conseguiu gritar: Vitória!

Nesta luta, os operários mostraram a sua união e força, conseguindo assim ver satisfeitas as suas reivindicações a que tinham direito: exigiam um aumento de 2.000\$00, e ofereceram-lhes 1.700\$00, o que os operários resolveram aceitar, pois as restantes reivindicações não foram alteradas. Foram elas as seguintes: 45 horas de trabalho semanal, mês e meio de subsídio de Natal e um mês de férias, conseguindo ainda que estas lhes fossem concedidas já este ano.

Que esta vitória sirva de exemplo para nós, operários, pois nela temos mais uma prova verídica de que:

OPERÁRIOS UNIDOS NÃO
SERÃO VENCIDOS!

a mãe

● UM LIVRO QUE VALE A PENA LER

O autor do livro chamava-se Máximo Gorki e era russo. Nasceu em 1868 na cidade de Nijni-Novgorod, e morreu em Moscovo em 1936. Ficou orfão aos 7 anos e a partir de aí a vida foi dura para ela

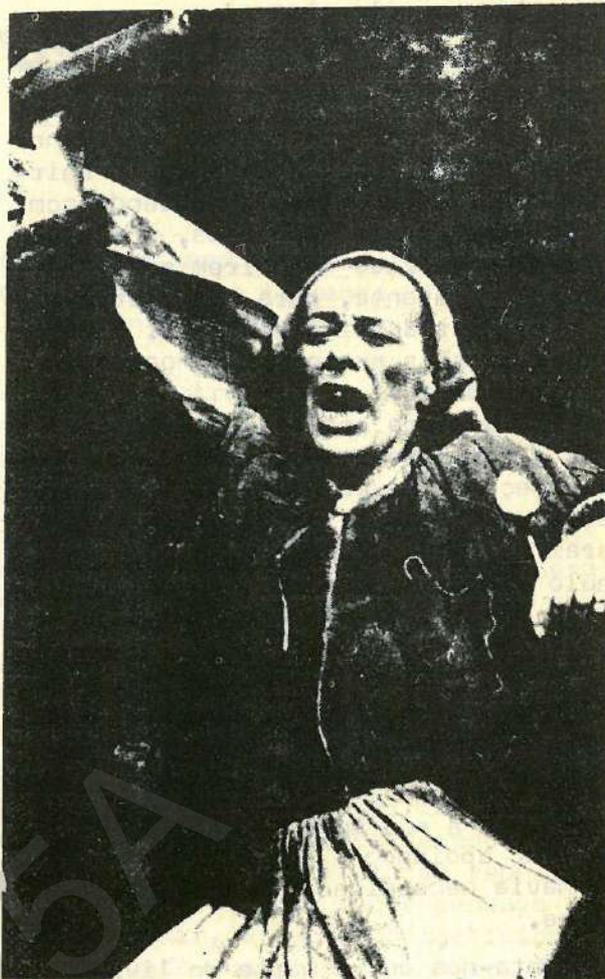
A experiência da vida deu-lhe a conhecer os sofrimentos dos trabalhadores russos do seu tempo, e ao mesmo tempo fez-lhe perceber que só transformando a sociedade se podia esperar uma vida melhor. Tal como ele, muitos operários e camponeses russos pensavam que só unidos e organizados podiam deitar por terra os tiranos capitalistas que os exploravam. Só pela força das armas podiam ver-se livres, de uma vez por todas, da opressão a que estavam sujeitos.

O livro conta, precisamente, por volta do ano de 1905, aspectos desta luta do povo russo — como os operários se uniam e lutavam contra a exploração; como se organizavam para lutar contra o sistema capitalista; como se ligavam aos camponeses pobres e explorados, seus aliados na luta; como os operários se instruíam uns aos outros e distribuíam a sua propaganda às escondidas da polícia.

● APRESENTAÇÃO DO LIVRO

Este livro conta-nos uma história que, para nós, trabalhadores portugueses é o espelho do nosso dia a dia. Conta-nos a vida de uma família de operários. O filho trabalhava numa fábrica situada nos arredores duma cidade russa, onde a exploração era diária e consentida pelos trabalhadores.

Ali só trabalhava gente que não discutia em virar a situação, pois para essa gente só o trabalho, a taberna e as zaragatas valiam!



Em certa altura, o livro descreve-nos um rapaz (que vivia só com a mãe) com umas ideias muito diferentes, que começou por conseguir arranjar livros e ler bastante. À medida que ia lendo, ia compreendendo que aquela situação não podia continuar. Na ideia dele, as pessoas não podiam continuar a ser exploradas, a levar aquela vida de miséria, à qual até já estavam habituadas.

Compreendendo a luta e o sofrimento em que viviam, tentou estudar para compreender melhor tudo o que se ocultava por detrás. Tentou explicar a todos os seus colegas o que eles ainda desconheciam. Então começou por juntar alguns amigos na sua casa e conversar com eles sobre a situação dos trabalhadores. Assim começou a sua luta. Uma luta que lhe deu prisão! Mas não foi prendendo que a luta acabou.

O próprio título começa por dar a ideia do que o livro nos mostra. A Mãe é uma senhora cuja actuação no livro é muito importante. A princípio tinha um medo terrível, mas nem por isso deixou

de colaborar com o filho. Mesmo não sendo ela operária, pois trabalhava em casa, lutava pela classe!

● OPERÁRIOS CONTAM EPISÓDIOS DO LIVRO

Em certa altura, o livro conta-nos que os Socialistas, andavam pelo bairro a distribuir folhetos apoiando com energia as greves operárias, e diziam para os operários se unirem e levarem a sua luta avante, para conquistarem as suas justas reivindicações. E logo diziam os tais senhores que ganhavam um bom ordenado:

- " O que era preciso era partir-lhes a cara!". No dia seguinte já começou a haver certa agitação na fábrica, os operários reuniram-se e falaram dos seus interesses a conquistar. Paulo então falou:

- " Camaradas! Decidimos declarar abertamente quem somos. Levantamos hoje a nossa bandeira, a bandeira da verdade, da razão e da liberdade!"

Sua mãe apoiou-o e, de um só golpe, e com toda a sua energia colocou-se a seu lado apoiando a justa luta operária que havia necessidade de levar para a frente.

Conta-nos outra parte do livro que, um dia, Paulo quis fazer um discurso aos seus colegas, mas foi impedido por um oficial da polícia.

No entanto, no fim ainda disse algumas palavras:

- " Camaradas! morreu o nosso chefe e amigo, morto pela polícia que está ao serviço dos patrões. Nunca o esqueçamos! Abaixo a exploração capitalista!"

- " Prendam-no!" - gritou o oficial da polícia. Mas Paulo foi logo rodeado pelos seus colegas que não o deixaram prender.

Paulo abanando os braços gritou:

- " Viva a Liberdade! Viva a União Operária! "

O 1º de Maio estava próximo. Paulo e todos aqueles que trabalhavam pela luta e pela liberdade, preparavam o grande dia. Na Rússia não se podia festejar o 1º de Maio porque o cativo e o fascismo reinavam.

Mas Paulo e todos os seus camaradas saíram para a rua.

Paulo ia à frente com a bandeira vermelha, seguido de muito povo em marcha pela rua fora.

Sua mãe , perto dele , gritava:

- " Viva o 1º de Maio! "

E em frente lá iam eles e elas para depois serem travados pela força das balas e das pontas das baionetas. Paulo não recuou, sempre de bandeira em punho foi em frente até que é travado e preso junto de muitos amigos. A bandeira é esfarrapada pelos guardas. A mãe vê a prisão do filho; ele lá vai outra vez, baixando-se junto do pau da bandeira, apanha-o e ostenta-o com um bocado de pano vermelho ainda agarrado. A mãe volta para casa ouvindo da boca das pessoas palavras de animação e outras de reprovação.

Paulo foi preso e teve de responder. Mas pessoas amigas de Paulo vão buscar a mãe para a cidade. É ela que, juntamente com alguns jovens, disfarçada de religiosas ou, outras vezes, de mendigas, vai de terra em terra distribuindo folhetos e dizendo ao povo para se unir.

● OPINIÕES SOBRE O LIVRO

" A minha opinião acerca do livro A MÃE é realmente satisfatória. Quando comecei a ler o livro, ele despertou em mim um certo interesse no mundo em que os principais personagens actuavam, no que diziam e como dirigiam as lutas operárias para conquistarem os seus legítimos interesses.

A minha atenção foi para os dois mais importantes personagens, que são a Mãe e seu filho Paulo. Paulo do pouco que sabia leu e aprendeu coisas para bem dos operários e deu a conhecer aos seus colegas o que lhes era totalmente desconhecido, os seus verdadeiros e legítimos direitos à vida. Este livro ensinou-me muita coisa que também desconhecia, como se luta e como se deve lutar pela classe operária.

" VIVA A CLASSE OPERÁRIA!"

" O livro para mim, até à altura em que li, é extraordinário. Gostei principalmente da parte, onde a mãe de Paulo se impôs, sobre a forma como ela sabia fazer as coisas, como conseguia introduzir os folhetos na fábrica, mesmo depois do filho ser preso.

O que ela como mãe sofria! É sujeita a ser presa também ..."



GUERRA COLONIAL E EXPLORAÇÃO

Segundo o "Diário de Notícias" do dia 12 deste mês, "várias firmas suecas que operam na África do Sul estão a pagar aos seus empregados negros salários de fome", e além disso dizia-se que "estas firmas pagam aos brancos cinco vezes mais que aos negros, pelo mesmo trabalho".

Houve capitais suecos que foram transferidos para a África do Sul com o objectivo de explorarem a força de trabalho local, e ao mesmo tempo apropriarem-se das imensas riquezas naturais que aí existem.

Percebendo a sua situação de explorados, os trabalhadores sul-africanos lutam, como nós, contra essa situação. No entanto, esses nossos camaradas, além de estarem sujeitos a condições económicas miseráveis, ainda são violentamente reprimidos quando, justamente, pretendem manifestar-se contra as condições que lhes são impostas. De facto, no mesmo artigo, ainda se diz que "cen-

tenas de trabalhadores africanos participaram numa manifestação de protesto numa mina de ouro. A polícia interveio, causando três mortos e seis feridos graves entre os manifestantes. Os incidentes começaram com um pedido de aumento de salários".

Tudo isto que se diz da África do Sul, também se poderia dizer das colónias portuguesas de África. E os capitalistas são suecos, como podem ser americanos ou alemães, ou mesmo portugueses. O capital é uma força social imensa com influência em quase todo o mundo.

Nós só poderemos opôr-nos a essa força com a força da nossa unidade.

De facto, o capitalista que explora os trabalhadores na África do Sul é o mesmo que explora os trabalhadores angolanos, moçambicanos e guineenses. E é o mesmo ainda, que nos explora aqui em Portugal. O inimigo é o mesmo. A luta é, portanto, também a mesma.

Os nossos objectivos de classe explorada são os mesmos que os dos povos das colónias portuguesas de África, e iguais também aos que os trabalhadores de outros países têm, quando lutam contra a exploração.

Quando nos vestem uma farda e nos obrigam a ir lutar contra os povos das colónias, nós sentimos que vamos combater outros trabalhadores como nós, que vamos combater a luta de libertação dos nossos irmãos de classe.

É por isso que há soldados que se têm recusado a participar nessa guerra, não só individualmente, como também através de acções colectivas. É um exemplo disto a atitude tomada pela 2ª Companhia do Batalhão 4519, em Angola, de que publicamos aqui um comunicado, por acharmos que se trata de uma forma corajosa de apoiar a luta dos povos das colónias:

"2ª Companhia/Batalhão 4519
Quartel de Tchivovo
31 de Maio de 1974
Angola

Viemos para Angola após o 25 de Abril, e alguns de nós vieram porque a queda do fascismo se deu, esperando que dentro de breves dias uma solução política resolvesse essa triste situação de guerra que se vem arrastando há treze anos. Não mais queremos sujeitar-nos a morrer ou a matar, já que está decidido que a solução desta guerra colonial é política e não militar. Durante os poucos dias que temos de comissão, o que nós temos feito é escutar a Rádio, aguardando os resultados das conversações em Londres. Se relativamente à Guiné e Moçambique há um certo optimismo, no que respeita a Angola a situação torna-se cada vez mais grave. Temos conhecimento dos últimos ataques em força a alguns aquartelamentos no Norte de Cabinda. Talvez o MPLA veja que este é o caminho para exigir conversações. Acontece que esta Companhia recebeu hoje às 20 horas uma mensagem para manter preparados dois grupos de combate para actuar possivelmente no Norte. Conscientes da nossa condição de homens livres e não de a-

nimais cujo fim é o matadouro, nós, elementos constituintes desta Companhia, recusamo-nos peremptoriamente a tomar parte em tais operações.

Capitão miliciano Castro

Alferes milicianos Barreiras; Araújo, Vieira, Silva Correia

Furriéis milicianos Barros de Sousa, Moreira, Faustino, Sousa Ferreira, Pereira Vieira, Pontes, Pinto, Gamida Pereira, Fernandes, Ferreira dos Santos, Sanches Nunes, Gomes Pinheiro, Almeida Gomes, Fonseca Nunes, Ribeiro da Silva 195 Cabos Mendes, Almeida, Coelho, Silva, Pinto, Ventura, Lucas, Gomes, Angelo, Duarte, Antunes, Santos, Fernandes, Ferreira, Segueiro, Conceição, Cruz, Gomes, Mendes, Hilário, Fernandes, Rogério, Zeca, Machado, Oliveira, Albertino, Soares, Gomes, Pinto, Lima, Antunes, Oliveira, Marques, Lopes, Figueira, Silva Soldados Pinto, Zenha, Jesus, Gomes, Quaresma, Franco, Reis, Neves, Cerqueira, Machado, Joan, Ferreiro, Valente, Peres, Sanguer, Simões, Augusto, Gonçalves, Clemente, Oliveira, Castro, Silva, Barbosa, Afonso, Barros, Moreira, Jordão, Soares, Barbeira, Pinto, Fernandes, Pereira, Gastão, Chenendé, Lanzeonze, Martinho, Fernando, Nota, Mendes, Banduího, Gomes, Dias, Carvalho, Laveiro, Ferreira, Sousa, Bernardo, José Maria, Matos, Mateus, Oliveira, Moreira, Satamba, Lopes, Mouro, Mateus, Claro, Charama, Fernando, Santos, Pereira, Cunha, Vidra, Pacheco, Martins, Diogo, Filipe, Bernardo "

(Todos os nomes foram transcritos duma gravação com as próprias vozes destes militares, havendo ainda cerca de uma dezena de nomes que não foi possível entender; estas notícias foram enviadas para Portugal por iniciativa dos próprios militares, no dia 2 de Junho).

Há já muito tempo que os povos das colónias sentem que estão sendo vítimas duma grande exploração, e que a presença dos capitalistas portugueses, e outros, os impedem de se libertarem.

Um poeta angolano descreve assim essa condição:

MONANGAMBA

Naquela roça que não tem chuva
é o suor do meu rosto que rega as
plantações;

Naquela roça grande tem café maduro
e aquele vermelho-cereja
são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado,
pisado, torturado,
vai ficar negro, negro da cor do contratado.

Negro da cor do contratado!

Perguntem às aves que cantam,
aos regatos de alegre serpentear
e ao vento forte do sertão:

Quem se levanta cedo? Quem vai à tonga?
Quem traz pela estrada longa
a tipóia ou o cacho de déndén?
Quem capina e em paga recebe desdém,
fubá podre, peixe podre,
panos ruins, cinquenta angolares,
porrada se refilares?

-Quem?

Quem faz o milho crescer
e os laranjais florescer?
-Quem?

Quem dá dinheiro para o patrão comprar
máquinas, carros, senhoras
e cabeças de pretos para os motores?
-Quem?

Quem faz o branco prosperar,
ter a barriga grande, ter dinheiro?
-Quem?

E as aves que cantam,
os regatos de alegre serpentear
e o vento forte do sertão
responderão:

— Monangambééé...

"Monangamba" quer dizer contratado.
É uma situação semelhante à que existe
em certas zonas do Alentejo, onde os pro-
prietários das grandes terras se diri-
gem às aldeias para contratar homens e
mulheres para trabalharem nas suas ter-
ras.

Este poema que nós aqui apresenta-
mos é o espelho da super-exploração ca-
pitalista a que os hossos irmãos afri-
canos estão sujeitos dia a dia, hora a
hora. É esse ritmo de trabalho que o ca-
pitalismo branco impõe sobre os povos
africanos que os versos descrevem.

Uma das características dessa super-
exploração é o salário que lhes é pa-
go, que é cinco vezes mais baixo que a
quele que é pago aos brancos pelo mes-
mo serviço.

Há muitos anos atrás, os colonia-
listas europeus foram para África. Es-
ses colonialistas fixaram-se a princí-
pio junto ao mar, para explorarem as
riquezas que a África continha.

Não tendo mão-de-obra para traba-
lhar nas plantações, quiseram obrigar
os negros a trabalhar para eles. Ora,
a resposta dos africanos foi "Não",
porque tinham as suas terras e podiam
sobreviver com o que extraíam delas.

Pois claro! Nós só trabalhamos pa-
ra os nossos patrões porque não temos
nem campos, nem máquinas, nem matéria-
-prima, para trabalharmos por nossa
conta.

Vendo que nada conseguiam, os colo-
nialistas resolveram então penetrar mais
para o interior da África, roubando as-
sim aos negros as terras que eles ti-
nham para que, depois, não tendo nada
para comer, eles fossem obrigados a
vender a sua força de trabalho. E foi
o que sucedeu, os negros foram obriga-
dos a trabalhar para os capitalistas.

Enquanto os negros ainda tinham al-
gumas terras, os colonialistas também
os obrigavam a trabalhar nas suas plan-
tações, mas só à custa da força. Duran-
te o dia de trabalho, os negros eram
constantemente guardados por homens ar-
mados com espingardas e com chicotes.
Quando algum negro fraquejasse no hor-
rível ritmo de trabalho que lhe era im-
posto, era logo chicoteado!

Isto ainda acontecia há cerca de
30 anos...

O capitalismo branco ainda se fia
no que acontecia antigamente, e conti-
nua a tratar o trabalhador negro como
se fosse um escravo, pagando-lhe mise-
ravelmente.

Isso não é justo porque todos nós
somos seres humanos, seja qual for a
cor, e só nós o sentimos porque tam-
bém somos explorados.

Temos que estar atentos para que
os capitalistas não gozem com os nos-
sos irmãos africanos!



